

LAPIDANDO A JOIA: um estudo historiográfico da joalheria

SIZING THE JEWELRY: a historiographical study of jewelry

SILVA, Ria Caroline da; Mestre; Universidade Federal da Bahia
rcaroline72@gmail.com

MARIÑO, Suzi Maria; Pós Doutora; Universidade Federal da Bahia
suzimarino@gmail.com

SILVEIRA, Carina Santos; Doutora; Universidade Federal da Bahia
carinassilveira@yahoo.com

Resumo

A presente pesquisa teve como objetivo apresentar o contexto historiográfico da joalheria, desde a pré-história até o período contemporâneo, através de resultados obtidos pelo do projeto de pesquisa de mestrado intitulado “A joia: História, simbolismos e emoção”. Para a elaboração deste estudo foi realizada uma revisão bibliográfica de objetivo exploratório para levantamento de dados da história da joalheria que se divide em seis períodos: Período Paleolítico; Período Neolítico; Idade Antiga; Idade Média; Idade Moderna; e contemporaneidade. Por meio dos estudos foi possível constatar que há mais de 100 mil anos o ser humano já se preocupava em adornar seus corpos como forma de afirmação e diferenciação, sendo portadora de símbolos e significados, capaz de distinguir e identificar o ser humano, expressar e comunicar personalidade, identidade, desejos, pertencimento, religião, sentimento de proteção, memória, civilização e povo pertencente e movimentos sociais, políticos, culturais, artísticos e arquitetônicos.

Palavras Chave: História da Joalheria, Joalheria e História.

Abstract

The present research aimed to present the historiographical context of jewelry, from prehistory to the contemporary period, through results obtained from the master's research project entitled “The jewelry: History, symbolisms and emotion”. To prepare this study, a bibliographical review was carried out with an exploratory objective to collect data on the history of jewelry, which is divided into six periods: Paleolithic Period; Neolithic Period; Old age; Middle Ages; Modern age; and contemporaneity. Through studies, it was possible to verify that more than 100 thousand years ago, human beings were already concerned with adorning their bodies as a form of affirmation and differentiation, being the bearer of symbols and meanings, capable of distinguishing and identifying the human being, expressing and communicating personality, identity, desires, belonging, religion, feeling of protection, memory, civilization and belonging people and social, political, cultural, artistic and architectural movements.

Keywords: History of Jewelry, Jewelry and History.

Introdução

As joias sempre estiveram presentes na história da humanidade e contribuíram na trajetória das civilizações. Por isso, o ser humano decidiu ornar seus corpos, a fim de adquirir destaque na ordem social da comunidade em que vive, construindo um sistema de símbolos, valores, ações e conhecimentos. Segundo Wagner (1980), adornar-se com objetos feitos com materiais raros ou difíceis de serem encontrados, expressa prestígio, importância e personalidade na sociedade na qual se exige um grau de hierarquia ou atribuição de tarefas, para uma diferenciação e personalização entre indivíduos, tornando a joia símbolo de identidade e comunicação.

Através da história é possível entender as civilizações e os povos. Do Período Paleolítico, entre 25.000 – 18.000 a.C, até os dias atuais, a joalheria sempre carregou consigo histórias, memórias e valores místicos e mágicos ligados aos materiais, atribuindo significados simbólicos de *status* social e valores espirituais independente da geografia, etnia e topografia, construindo, assim, outras formas de linguagem, significado e formação da identidade a partir da diversidade e desejo do ser humano de unicidade e pertencimento ao grupo.

Em tempos presentes, entender a história de povos que foram obrigados a deixar seus países e abandonar todos seus bens por conta de guerras e perseguições, como os judeus. Levando apenas joias, este povo teve a possibilidade de recomeçar a vida em outros lugares, por isso, a joia é considerada uma moeda universal, bem como um documento que possibilitou, por exemplo, o conhecimento dos povos Cintas. Para reconhecer a trajetória construtiva e simbólica desse objeto é necessário estudar seus momentos históricos a partir de diferentes culturas até chegar à definição de joia contemporânea.

As joias possuem um simbolismo religioso em rituais, vestes e relação de poder dentro a sociedade. Também estão ligadas à função de amuleto ou talismã, sendo um objeto que possui poder de evitar ou absorver males, desgraças e feitiços, além de simbolizar energia eterna, atração de riquezas, espantar mau-olhado, projetar sorte, proteção, afastar doenças e espíritos maus, ou seja, intervindo na nossa vida humana de forma sobrenatural. Um bom exemplo é a crença de que os olhos gregos se estilhaçam ao absorver o mau-olhado destinado ao portador deles. Outros símbolos também tiveram a mesma função destes amuletos, no momento da pré-história, como chifres, pimentas, figas, trevo-de-quatro-folhas, nomes cabalísticos, letras mágicas, efígies de santinhos e pedras preciosas, todas representavam algum poder.

Estudos arqueológicos comprovam que os egípcios adornavam seus mortos, as famosas Múmias, a fim de prepará-los para após a morte, acreditando que eles iriam utilizar, além dos pertences que eram colocados no túmulo, os amuletos que também fossem protegê-los contra a morte e defendê-los na outra vida. Ou seja, os egípcios adornavam os mortos para assegurar a inviolabilidade de seus corpos, acreditando que enquanto o corpo permanecesse ali ainda existia vida, sendo necessário adorná-lo para proteção. Para os egípcios, o símbolo da imortalidade era o Escaravelho, (Figura 1) sendo considerado um inseto sagrado, assim como o símbolo do oito do infinito que representa a energia eterna, renovada.

Figura 1 - Pulseira egípcia com escaravelho em turquesa



Fonte: Cavagna (2005, p. 79)

Na Era Cristã, a joia tinha o objetivo de hierarquizar as divisões de classes eclesiásticas como Papa, bispos, padres, cardeais, também autoridades como reis e imperadores, costumes que perduram até os dias atuais, mas também representavam forças especiais. Gola (2013), relata que os “pingentes serviam como proteção ou amuleto, transmitindo suas virtudes ao usuário, e tinham forma de símbolos sagrados, como a cruz, ou eram relicários” (Gola, 2013, p. 18) além da utilização de pedras preciosas. Os clérigos e as freiras, por exemplo, usavam a safira para afastar a luxúria e encorajar a castidade, acreditando no seu poder especial.

O Renascimento e Barroco, dividiram ciclos no modernismo. O Renascimento com a valorização do ser humano, com a valorização das artes, traz o conceito artístico para a joalheria com temas literários e mitológicos como a Leda e o Cisne. Em contrapartida, a luxuosa joalheria barroca, movimento de caráter religioso, provoca uma revolução da Igreja Católica perante a Reforma Protestante, com a apreciação do poder, *status*, religião e posição política, transmitindo este conceito na joalheria.

Na contemporaneidade a joalheria recebe influência do movimento *Arts and Crafts*, *Art Nouveau*, *Art Decó* e o Movimento *Hippie* juntamente com a Revolução Industrial e a Segunda Guerra Mundial que trouxeram um novo olhar para a joalheria com a confecção de pedras sintéticas, maior utilização de materiais não preciosos e a criação de peças que caibam no orçamento de todos os tipos de público o que possibilitou a produção e inovação de peças com materiais diversificados além da valorização do design e do conceito e expressão artística do seu criador.

O propósito do estudo é abordar as principais linhas representativas da joia, dividindo-as em períodos, tratando do seu significado em cada época com a sociedade e o indivíduo. Para conhecer a história da joia é essencial conhecer as particularidades dos diferentes povos em diferentes períodos e comparar com costumes, geografias e a topografia locais, analisar os motivos e a diversidade de materiais, afirma Gola (2013). É uma pesquisa classificada como básica e qualitativa de objetivo exploratório envolvendo o levantamento bibliográfico e está dividida em seis períodos da história: Período Paleolítico, Período Neolítico; Idade Antiga; Idade Média; Idade Moderna; até o contemporâneo.

1 Período paleolítico: a Idade da Pedra

Apesar de não haver escrita que comprove o período de evolução do ser humano na pré-história, existem manifestações não escritas que deixam informações sobre o período, como pinturas, vestimentas, armas, adornos, entre outros materiais e objetos produzidos na época. Na Idade da Pedra Lascada, nome também dado ao período Paleolítico, se utilizava de materiais com fácil manuseio e que eram encontrados na natureza, como dentes de animais, vértebras de peixes, ossos e até pedras, alguns com formas naturais, outros eram decorados com riscos e desenhos geométricos.

Bisognin et al. (2014) afirmam que em muitos desses objetos tinham furos para passar uma corda de fibra, tendões ou tiras de couro fazendo um colar, que é considerada a joia mais antiga do mundo. Os enfeites chamados de pingentes ou pendentives (Figura 2) eram uma forma de caracterizar o caçador primitivo, além de acompanharem o falecido na sepultura. Para eles, os recursos ornamentais “significavam valor, como troféu de caça, testemunho eloquente de seu arrojo e valentia” (Bisognin et al., 2014, p. 15).

Figura 2 - Pingentes de ossos



Fonte: Bisognin et al. (2014, p. 14)

Através dessas peças é possível perceber que há mais de 100 mil anos o ser humano já se preocupa em adornar seu corpo, seja no sentido religioso, místico, de prestígio ou hierarquia de um indivíduo ou comunidade. Portanto, o adorno é uma forma de afirmação e diferenciação, por esta razão, “o homem pensou primeiro em adornar-se para depois vestir-se” (Cavagna, 2005, p. 78, tradução nossa).

2 Período Neolítico e a Idade dos Metais

O surgimento da escrita se torna um marco no modo de vida social, sendo um símbolo divisor da pré-história para história, que se inicia 4000 a.C., e deixa “relatos em pedras, madeira, argila vários outros materiais que serviam de suporte” (Gola, 2013, p. 23). Juntamente com alguns utensílios, foram encontrados adornos que mostram o início da sua criação e que, de alguma forma, obtinham valores mítico e mágico para aquela época.

Segundo Favaro (2013), o Período Neolítico se inicia por volta de 10.000 a.C - sendo marcado pela grande evolução de novos grupos e mudanças climáticas que favoreceram novas descobertas e invenções. O emprego de novos materiais duros e vulcânicos para a fabricação de armas feitas com pedras polidas inventaram a arte da cerâmica. Consequentemente, os adornos também se diferenciam, buscando materiais mais raros e resistentes, com novas tendências e formas mais complexas, também utilizando o processo de intercâmbio para aquisição de outros materiais.

A utilização de gemas em combinação com o ouro e a prata marcam a Idade de Bronze. Ardósia, esteatita, o alabastro, predominavam nas peças de adorno, por serem mais macias, porém o quartzo, ametista, jadeíta e turquesa, eram as pedras mais resistentes. O colar de âmbar (Figura 3), encontrado na tumba do Faraó na pirâmide de Tethys, no Egito e em diversas escavações feitas na Mesopotâmia e Inglaterra, era chamado de “ouro do norte” no Império Romano, valia o mesmo que um escravo saudável, afirma Bisognin *et al.* (2014).

Figura 3 - Colar de âmbar (491 contas)



Fonte: Bisognin et al. (2014: 29)

Na Idade dos Metais temos o bronze, liga de cobre com 10% de estanho que bem polida pode ter um espectro brilhante e nobre, que predominou toda manufatura de todas as classes de objetos e adornos, afirmam Bisognin *et al.* (2014). Data-se que o início da Idade do Bronze ocorreu depois de 2000 a.C. e que a partir dela cria-se o alfinete e os broches, adereços que sustentam e fecham vestidos. Portanto, o prazer de adorar-se com o bronze se manifesta nas roupas, com cinturões, fivelas, alfinetes, botões de bronze também joias como brincos, pulseiras, braceletes e colares que imitavam fitas, com bordados e pingentes com diferentes formas.

A Idade do Ouro, mineral abundante no Oriente e Ocidente, onde quase toda areia dos rios tinha pepitas de ouro. Segundo Bisognin *et al.* (2014), a palavra ouro vem do latim *aurum* que

significa aurora brilhante. Maleável, não oxidável, belo, com qualidade, compatibilidade com a pele humana, associava-se que aquele material era um presente dos deuses, os quais deveriam ser retribuídos. Em torno de 2000 a.C., os ouvíres já dominavam a habilidade de modelar o ouro, o qual as civilizações podiam fazer desenhos através da técnica de granulação – “técnica que consiste em formar um desenho com minúsculas esferas de metal, dando à peça um aspecto primitivo e rústico” (Gola, 2013, p. 32) – anéis, pingentes, braceletes, colares (Figura 4) e brincos eram feitos com essa técnica.

Figura 4 - Colar de ouro



Fonte: Bisognin et al. (2014, p. 56)

A Idade do Ferro começa mil anos depois da Idade do Ouro, assegura Gola (2013). São os fenícios que surgem com novos estilos e novas ferramentas, agora de ferro. A técnica de granulação e motivos de animais e florais foram difundidas pelos Etruscos, no mediterrâneo, estilo céltico para o qual o *Art Nouveau* olharia como fonte de inspiração mais de dois mil anos depois. Os braceletes e argolas de ferro destacavam o período pela espessura grossa e fortemente alargada, os motivos decorativos geométricos, com seus círculos – como o colar de vinte e seis contas de pasta vítrea, perfurados, azuis turquesa, oculadas a branca e azul-escuro, triângulos e espirais estereotipados caracterizam a joalheria da Idade do Ferro, que também recorre a cor para dar vida a decoração, afirma Bisognin *et al.* (2014).

3 Idade Antiga - Os povos Citas, Egito, Gregos

Considerado o povo mais antigo do mundo, os Citas eram povos nômades que viviam ao norte do Mar Negro (que se desenvolve desde o interior da Mongólia até à Rússia Europeia). São também considerados os maiores ourives do antigo mundo. Os Citas não deixaram escritos nem moeda para qualquer informação, porém suas sepulturas revelaram sua complexa forma de viver, através dos adornos que representam fatos simples do cotidiano, como o vaso e pente de ouro encontrados em um túmulo, na Ucrânia.

A comercialização com os gregos fez a Grécia se tornar influência na arte Cita, com suas diversas técnicas e decorações com abundância de detalhes e refinamento. Os temas como águias,

cavalos, serpentes, tigres, iaques, além de florais, ornavam as fivelas, cinturões, peitorais, braceletes, placas, botões para vestimentas e grandes pendentes. A turquesa e a ágata eram as gemas preferidas dos Citas.

Assim como os gregos que foram influência para os Citas, estes se tornaram referência para a Rússia nos bordados, nas esculturas de madeira, na olaria e nos brinquedos. Outros materiais utilizados pelos Citas na fabricação de objetos e joias eram os ossos, bronze, ferro, madeira e couro. Gola (2013) afirma que existem três espaços com grandes coleções de joias e informações sobre os povos Citas. Uma grande coleção está hoje no Museu Hermitage em São Petersburgo, a coleção da Kunstammer, com peças da antiguidade siberiana de Pedro, o Grande, com representações de animais no estilo zoomórficos cita-siberianos, e por fim, o museu da cidade de Miskolc, na Hungria.

O Egito, considerado uma das mais qualificadas civilizações em termo de arte, dispõe das mais ricas informações históricas sobre o seu povo, devido à escrita e a preocupação com a vida após a morte, ornamentando seus mortos e a riqueza de detalhes das tumbas (Figura 5) formadas entre 3000 e 2500 a.C. e mantidas nos 2 mil anos seguintes, afirma Gola (2013). Ainda segundo a autora, as tumbas exibiam beleza e profanação. Através de achados arqueológicos, foram encontradas joias com a mais avançada tecnologia de ourivesaria, já que o ouro representava o poder do Deus Sol e se relacionava a hierarquia social, religiosa e decorativa.

Figura 5 - Máscara mortuária do Faraó Tutancâmon



Fonte: wikipédia, (2023)

As joias encontradas são anéis, broches, diademas, peitorais, além de leques, máscaras mortuárias, camas, literais, sarcófagos em ouro puro e maciço, entre outras. A lúnula (Figura 6) era a peça mais utilizada pelos egípcios, a mais antiga ornamentação pessoal da época, com o formato geométrico de meia lua e feitos com finas lâminas de ouro. As pedras preciosas destacavam as joias egípcias pelo seu efeito policromático com a turquesa que simbolizava o mar, cornalina que

simbolizava a terra e lápis-lazúli que simbolizava o céu, afirma Gola (2013). Para os egípcios, as pedras possuíam poderes sobrenaturais de proteção, sendo introduzida também em peças de ouro e prata, se tornando uma espécie de talismã e símbolo de identificação social, como os escaravelhos, inseto sagrado para os egípcios que nos remete a representação cíclica de imortalidade.

Figura 6 - Lúmula



Fonte: Favaro (2013, p. 66)

Os Sumérios, segundo Gola (2013) provenientes da Pérsia (Irã), chegaram à região da Mesopotâmia, território do rio Tigre e Eufrates, por volta de 4000 a.C. e fundaram a cidade de Ur, desenvolvendo a escrita cuneiforme sobre bloco de argila. As informações sobre os sumérios são escassas, isso porque os assírios perderam grandes exemplos relevantes na guerra com a Babilônia, por conta do seu trabalho em locais perecíveis como madeira e tijolo, porém em sepulturas trabalhavam com excelência com os metais e joalheria em ouro e prata.

Em rituais fúnebres reais, como o da rainha Puabi em 2650 a.C, as rainhas eram enterradas com seus adornos na cabeça e o faraó passava pelo processo de mumificação, que durava aproximadamente 70 dias, sendo sepultado com os seus servos, tronos, itens de decoração, comidas e joias, já que acreditava-se que a morte não era o fim, mas sim uma passagem para outro mundo em que todos estes itens seriam utilizados na nova vida, os quais os reis iriam continuar reinando juntamente com seus servos e objetos.

Arqueólogos da Universidade da Pensilvânia encontraram, em 1920, um cemitério de mais de 4,5 mil anos com 16 tumbas grandiosas e ricas em ouro e joias, um bom exemplo é a sepultura de Tutancâmon, onde foram encontrados mais de cinco mil objetos. Os sarcófagos eram colocados um dentro do outro, e quanto mais poderoso o faraó, mais sarcófagos eram utilizados. A Mesopotâmia era uma sociedade planejada, agrícola, controlada e distribuída. Os joalheiros eram controlados pelos sacerdotes e produziam pendentes, colares, peitorais, brincos, braceletes para homens e mulheres – anéis, brinco, diademas, entre outros, utilizando pedras, ouro e prata.

A civilização grega se desenvolveu por volta de 1100 a.C. a 700 a.C., localizados na ilha do Ergeu, sendo povoados pelos povos africanos e asiáticos, produzindo o estilo geométrico, temas de figuras humanas e animais, sempre ligado a magia e ao conhecimento oculto, simbolizado pelas pedras preciosas como o lápis-lazúli (ligado a luz concreta de Nuth - o céu), metais como ouro - encontrado na região de Cyptus, considerada uma ilha sagrada da deusa ligada ao sol; a prata ligada à lua; e o cobre, ligado sempre à Deusa do Amor, referente à Deusa Afrodite. Outro costume era o 'nó de Heracles' "uma espécie de nó no metal, ao qual se atribuía poderes mágicos, especialmente de cura, presentes em diversas peças tais como colares, diademas, anéis e braceletes" (Campos, 1997, p. 23 *apud* Favaro, 2013, p. 69).

Na civilização grega ocorreu três períodos: O Período Arcaico (600 a.C. a 475 a.C.) desenvolveu, por sua vez, peças simples e com estilos de motivos florais e efeito policromático, devido as pedras preciosas como safira e esmeralda e a pasta de vidro como técnica utilizada. Neste período, predominavam os brincos de baú e anéis em forma de olho com gravações de cenas mitológicas; no Período Clássico (475 a.C. a 330 a.C.) os brincos de baú ainda predominavam, porém novas formas como disco, navete e espiral são inseridas, assim com as diademas decoradas com folhas de ouro e as guirlandas, que imitavam na sua decoração flores naturais; o período Helenístico (330 a.C. a 27 a.C.) é o ápice da joalheria grega, por conta do ouro abundante e temas majoritariamente naturalísticos, mitológicos, como também a representação de divindades, como os deuses Eros e Nike, afirma Favaro (2013), evidentes em pulseiras e colares. As esculturas mostravam a beleza e a estética da época, que eram (2013). A joia era de uso comum, com a utilização de metais, esmeraldas, pérolas e safiras e trabalhos complexos como ouro com desenhos perfurados com a técnica de *Openwork*, utilizando treliças, arabexos, entre outros. Moedas de ouro fixadas a anéis também faziam parte influenciadas pela *La divina proportione* de Luca Pacioli, publicada em 1509, por Leonardo da Vinci.

A Civilização Romana se desenvolveu por volta de 753 a.C. por seu imenso legado literário e deixou uma grande quantidade de informação, facilitando o conhecimento da sua história. Incorporou fundamentos estéticos dos gregos em sua arte e na engenharia e arquitetura pelos etruscos. Seu Império promoveu uma nova forma de viver para o mundo ocidental, principalmente por conta das suas conquistas, sendo considerado capital econômica financeira do mediterrâneo. Entretanto, Roma passou por uma grande transição. Com os "novos romanos", suas tradições e religiões, especialmente com a invasão dos bárbaros (povos germânicos), o Império Romano perde a sua hegemonia e entra em decadência. Logo após, o Imperador Constantino reina por volta de 306 (306 a 327) e apoia o cristianismo, mudando a capital do Império Romano para Bizâncio, próximo ao oriente. A Idade Média, por sua vez, traz uma "nova organização de classes, a partir da concepção cristã passando pela lei, língua e arte" (Gola, 2013, p. 56). Consequentemente, a joalheria passa a ter temas religiosos – persistindo por toda Idade Média (Figura 7).

Figura 7 - Pingentes de cruz



Fonte: Sophia, (2018)

4 Idade Média

A Idade Média é marcada pela invasão dos povos bárbaros ao Império Romano, e o decreto do Cristianismo, como religião oficial do Império Romano, por Constantino I. Consequentemente, segundo Gola (2013), a ourivesaria e as joias ganharam nova identidade e novas técnicas estabelecidas pelos bárbaros, que tinham grande influência do povo Celta. As pedras mais utilizadas eram a safira, o rubi, a esmeralda e o diamante, que juntamente com o topázio e a turquesa, mostravam a influência bizantina nas joias.

A era cristã é marcada por peças de simbolismo religioso como cruz, santos, Cristo e a Virgem Maria. Porém, o uso das pedras preciosas e materiais nobres eram prestígio apenas da nobreza. Nessa época, a lei também impedia que os ourives fizessem uso de materiais e pedras falsas, portanto as Cortes Imperial são as melhores referências em conhecimento sobre a produção de joias da época. Nesse momento, a joia tinha o propósito de hierarquizar as divisões de classes eclesiásticas como Papa, bispos, padres, cardeais, e também autoridades como reis e imperadores, a exemplo da Coroa Imperial (Figura 8), prática que perduram até os dias de hoje.

Figura 8 - Coroa Imperial



Fonte: (Entrando [...], 2011)

Outra característica da joalheria Medieval, segundo Favaro (2013), foram as tendências adotadas pela nobreza de produzir objetos pesados e rebuscados fazendo com que os aspectos decorativos fossem priorizados. Um exemplo é a região da Escandinávia com a produção de peças de grande porte, sendo o marco dos povos Vikings como os broches, objeto de exibir *status* e riqueza. Porém, ao final do século XV, as joias passam a integrar a moda e o caráter simbólico religioso na joalheria enfraquece.

5 Idade Moderna

O Período da Idade Moderna se inicia com o movimento Renascentista, marcado pelo rompimento com as organizações medievais, com a Revolução Francesa e com a invasão das Américas, com forte transformação através das grandes navegações e exploração das Colônias que enriqueceram as culturas europeias. Consequentemente, impulsionou novos valores, novas ideias e formas de expressão na Europa, destacando a valorização do ser humano, de ideais humanistas e naturalistas buscando as qualidades de moderação, economia formal e equilíbrio.

Segundo Favaro (2013), a joalheria do período Renascimento determinou a exuberância, tecnologia e conceitos artísticos, já que as artes passam a fazer parte da produção de joias e os ourives foram incentivados a criar peças com alto nível de qualidade. De acordo com o autor, a beleza feminina foi ressaltada com os brincos – por isso usavam os cabelos presos: para deixá-los a mostra, bem como o uso de vários anéis na mesma mão, muitos colares ao mesmo tempo, pingentes enriquecidos de pedra e broches utilizados por homens para fechar suas capas e, para as mulheres, prender a lapela na incisão cervical (Figura 9). A diversidade da cultura renascentista com episódios de literatura e mitologia clássica, como as histórias de Diana e Actaeon, de Leda e o Cisne

de Apolo e Daphne; e do cupido flechando os corações humanos; faziam parte dos temas das joias, assim como Ninfas, divindades, sátiros e heróis, assegura Gola (2013).

Figura 9 - Broches



Fonte: Reis (2017)

A burguesia renascentista apostou em adornos de cabelos, chapéus, flâmulas, escudos confeccionados com muito ouro e evidência de riqueza. Ainda segundo a autora existia também a união da arte clássica e temas religiosos, como as joias monografadas com as iniciais correspondentes da abreviatura latina do nome de Cristo – IHS (Jesus Homo Sanctus) – inscritas com diamante, decorada com instrumentos da Paixão de Cristo e a coroa de espinhos.

Contrário às ideias renascentistas decorrente de um conjunto de fatores religiosos, políticos e culturais, o Barroco, movimento de caráter religioso, que se desenvolveu na Itália no século XVIII, trouxe uma revolução da Igreja Católica perante a Reforma Protestante. A França se tornou referência para a joia barroca, com influência do governo de Luiz XV com peças luxuosas, rebuscadas, assimétricas, muitas gemas e diamantes, conseqüentemente com mais brilhos e mais sedutoras.

As emoções confrontaram o racionalismo do renascimento “superando a simetria rigorosa distingue-se pela multiplicidade na organização das formas, com linhas retorcidas, entrelaçadas, gerando certa redundância” (Favaro, 2013, p. 79). Luxuosas, a joalheria barroca deixa de seguir as belas artes e passa a representar símbolo de poder, *status*, conceito intelectual, crença religiosa ou posição política. As peças passaram a ser compostas por grandes gemas, na grande maioria na posição central rodeadas de pedrarias, como o estilo botânico, florais e animais, além da inclusão de insetos com peças mais coloridas e brilhantes. A inserção de joias no chapéu de homens com faixas de pedras preciosas ou fileiras de ouro ou cordões de pérola, impôs a vaidade do período Barroco, afirma Gola (2013).

6 Período Contemporâneo

Segundo Favaro (2013), a contemporaneidade se inicia na segunda metade do século XIX, na Inglaterra, com o movimento estético e social *Arts and Crafts* (1890 – 1914) que buscava a revalorização do trabalho manual para resgatar a estética dos objetos produzidos em massa na indústria, trazendo o artesanato criativo como possibilidade de produção à industrialização. William Morris (1834 - 1896), o principal líder do movimento, defende uma arte "feita pelo povo e para o povo".

O movimento influenciou no surgimento da Bauhaus que valorizava o artesanato criativo na produção e ensino do design bem como a estrutura de artesão-artista, afirma Favaro (2013). Zugliani (2010), ainda complementa certificando que o movimento contribuiu para sofisticação e exclusividade na produção de forma que as peças eram produzidas manualmente prezando pelo fazer artístico, porém com um custo mais elevado, o que contribuiu para que o movimento não perdurasse por muito tempo.

As joias da *Arts and Crafts* se inspiraram na natureza, nas pinturas renascentistas e pré-rafaelistas e temas etruscos, desenvolvidas em formas abstratas e simbólicas. Com o apogeu da Revolução Industrial, novos materiais foram introduzidos na joalheria, segundo Braga (2008, v. 1), entre 1838 e 1888, passaram a ser fabricadas as primeiras pedras artificiais e metais, como o ferro.

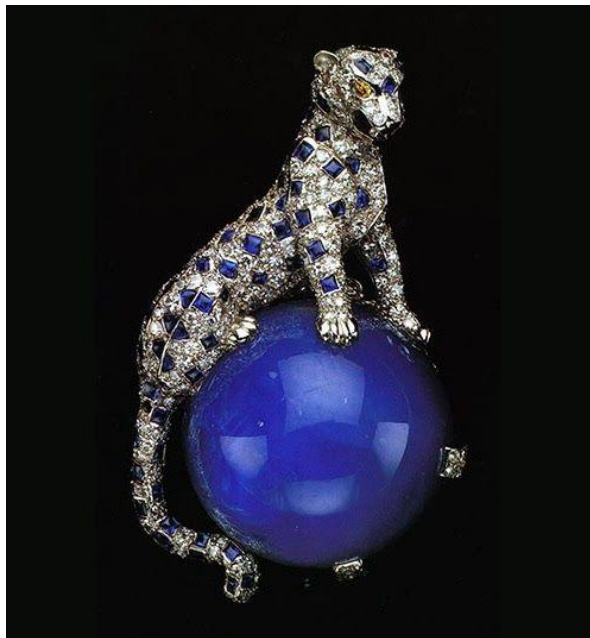
A Art Nouveau (1890 – 1920), segundo Gola (2013), foi um movimento artístico essencialmente europeu, que buscou a evolução no plano social e artístico, sendo em alguns meios mais do que arte, enveredando pela filosofia, uma ética e um comportamento, refletindo a vitalidade do período. A Arte Nova vem com o desejo de interpretar a natureza, a partir de estruturas naturais e orgânicas, formas suaves, soltas, assimétricas, valorizando mais a criatividade do que os materiais empregados, assim, as artes aplicadas reacendem. Segundo Favaro (2013), a figura feminina era o centro das peças de joalheria, já que, de acordo com Gola (2013), a mulher era adorada como uma divindade profana, por expressar através das joias a sensualidade, delicadeza, felicidade e liberdade que em muitas vezes eram retratadas nos motivos com flores estilizadas da mulher da época, época que também era destinada às vedetes. René Lalique e Georges Fouquet foram as personagens mais importantes do movimento, com peças não clássicas inspiradas na fauna e flora, figuras femininas e animais, priorizando a qualidade estética estilizada, com formas abstratas, leveza e assimetria. A função da joia, neste momento, era unicamente ornar e satisfazer a vaidade.

O *Art Decó* (1925 – 1932) com estilo mais simples, elegante, funcional e moderno e a fusão do Cubismo, Abstracionismo e da arquitetura da Bauhaus, suas joias possuíam intenção restrita a decoração, que uniam arte e indústria com novos materiais e materiais diversificados como ônix, e os vermelhos do coral e esmaltes, ébano, crômio, metais lacados, ágata, mas são as *Costume Jewelry* (joias da moda) que tomam espaço da década de 1920 com a influência de Coco Chanel, símbolo da mulher moderna da época. Depois da Segunda Guerra Mundial, a joia passou a caminhar com a moda estimulando a produção e inovação das peças utilizando materiais diversificados, pedras bem lapidadas e montadas em artefatos de design. Neste mesmo período houve uma queda significativa na disponibilização de gemas, dando espaço as *fake jewelry* ou seja, as bijuterias. Assim a América passou a impor a moda e estrelas de Hollywood, como Greta Garbo (1905 – 1990), inspiram as tendências.

A da crise de 29, muda drasticamente os hábitos entre as classes. Segundo Gola (2013), os tecidos sintéticos difundem e as roupas da noite passaram a ser feitas com materiais menos nobres como algodão e lã. Com a joia não foi diferente, as peças passaram a ser produzidas por materiais sintéticos o que possibilitou o seu aprimoramento, tornando a América grande produtora de joias com alta qualidade. As joias possuíam visual seco, sintéticas formas geométricas e cores contrastantes. Os anéis postos em cima das luvas e braços repletos de pulseiras também compunham o visual.

Na década de 1940, a crise causada pela Segunda Guerra trouxe uma escassez de materiais, pedras preciosas e mão de obra, o que fortaleceu a joia de imitação. Neste período, a joia foi chamada de “Joia de Coquetel” por conta das misturas de temas e inspirações, já que a *Arte Déco* e a era industrial faziam parte da produção da joalheria. As peças misturavam curvas voluptuosas, tridimensionais, motivos naturais, artificiais estáticos, com movimento, fluídos e duros, coloridos – a cor se tornou um elemento importante – em uma única peça. Porém as joias de grande destaque eram as joias com leopardos (Figura 10) e panteras exibindo pedras valiosas como diamantes, que simbolizavam luxo e poder.

Figura 10 - Leopardo com pavê de diamantes e safiras



Fonte: Selamaj (2014)

A década de 1950 foi o momento de propagação da joia de imitação existindo dois sistemas de fabricação: o de metais raros e preciosos; e com materiais mais acessíveis. As formas orgânicas, naturais e abstratas tomaram a configuração da época, juntamente com motivos florais, insetos e animais voadores da década de 1960, onde o estilo Coquetel perdura. O rompimento de padrões da estilista britânica Mary Quant e as ideias “antimoda” trazidas por Paco Rabanne, bem como dos movimentos *hippie*, *black is beautiful* e *flower power* evidente a recusa da sofisticação e padrões impostos pela sociedade da época, havendo uma rejeição das convenções formais, fortalecendo as joias de imitação.

O movimento *hippie* com características naturalistas e influências orientais e etnias variadas, na década de 1970, se baseava na contracultura, se contrapondo ao conservadorismo da época, defendendo questões ambientais, a emancipação sexual e a prática do nudismo, criticavam o patriarcado, o militarismo, o capitalismo, o autoritarismo, a massificação e as corporações industriais e o poder governamental como uma instituição única e sem legitimidade. Admiravam as religiões orientais, como o budismo. Negavam o nacionalismo e defendiam uma vida comunitária, nômade, buscando uma nova esquerda. Nos Estados Unidos o movimento celebra a máxima "paz e amor" (em inglês, *peace and love*). A joalheria da moda *hippie* se baseava na joia de imitação e uso

de cores. Gola (2013) afirma que os medalhões eram enormes, redondos, dourados, cobertos com esmalte ou resina, luminosos, seguindo motivos abstratos, num padrão pseudo-oriental psicodélico (Figura 11). Broches com desenhos abstratos e geométricos e peças com satíricas.

Figura 11 - Colar em fio de cobre e ágata de fogo



Fonte: ([Colar [...]], [201-])

Na década de 1970, os cristais, olho-de-tigre, coral, lápis-lazúli e ônix preto ganharam destaque, além de novos materiais que passaram a ser utilizados na joalheria, como o titânio, a resina de poliéster e a pasta espelho. Ao passar das décadas, a joia de imitação foi sendo cada vez mais valorizada, por conta do alto preço do ouro e a desvalorização da joalheria tradicional,

No final do século XX e início do século XXI, segundo Braga (2008, v. 1), são retomados os valores e as identidades de luxo, a fim de uma diferenciação social. Em contrapartida, o autor afirma que a valorização de materiais naturais para criação de joias, as chamadas “biojoias”, estavam atreladas ao processo da história da contemporaneidade, bem como a valorização da natureza, com a utilização de joias com aspectos brutos e identidade de um design criativo agregando valor à joia. As peças da designer de joias Melissa Joy Mannin (2018) é um exemplo de joias sustentável, pioneira na área, Melissa trabalha com o estado bruto e a irregularidade das gemas em suas peças da alta joalheria, com técnicas tradicionais e trabalho manual.

7 Conclusão

Enveredar pela história da joalheria é estudar um tema pouco explorado e através da pesquisa é possível mostrar que há mais de 100 mil anos o ser humano já se preocupa em adornar seu corpo, seja no sentido religioso, místico, de prestígio ou hierarquia de um indivíduo ou comunidade, portanto o adorno uma forma de afirmação e diferenciação. Este comportamento contribuiu para a trajetória das civilizações e conhecimento de povos que não deixaram nenhum registro de sua existência, ou seja, a joia também é um documento de identidade.

Atravessando o tempo com a joalheria, dos primórdios até a contemporaneidade, a necessidade de adornar e atribuir a joia significado simbólico. No Período Paleolítico, a força estava

atrelada aos dentes e ossos de animais selvagens nos colares de quem o caçavam. A proteção, energia, magia eram associadas, no Período Neolítico, aos metais e as gemas, que predominam até os dias atuais. As crenças eram a base das primeiras civilizações como Egito, Grécia, Mesopotâmia, Cita, Roma, assim como fonte de sedução na utilização de adornos em ambos os sexos. O *status* predominava na Idade Média, já que a divisão de classes era demonstrada através dos objetos, sobretudo pelas joias, o que difere no período moderno, no qual as Belas Artes começam a fazer parte da concepção de joias, influenciadas pelo rompimento com o domínio da Igreja Católica, trazendo outros movimentos, como o Renascentista e Barroco, como também o descobrimento das colônias e conseqüentemente das suas riquezas, o qual possibilitou a diversificação de materiais preciosos. O Período Contemporâneo traz uma diversificação de materiais, em consequência da Revolução Industrial, não restringindo a joia a materiais nobres, mas possibilitando também a criação de joias de imitação com pedras artificiais com resina e metais como o ferro.

Nas primeiras buscas sobre a história da joalheria, foi possível identificar que escassez de documentos escritos (livros, artigos, fotografias, acervos) sobre o assunto, percebendo que é um conteúdo desafiador. Estes obstáculos fizeram olhar para direções futuras de pesquisas, buscando mais sobre a relação da antropologia, filosofia e sociologia e a joia, estudando os povos e as civilizações de formas aprofundadas.

Referências

SOPHIA, Hagia. **Pingente de Cruz**. In: BLOG My World of Byzantium, 2008. (<https://www.pallasweb.com/deesis/collection-byzantine-treasures.html>).

BISOGNIN, Edir Lucia. LISBOA, Maria das Graças Portella. KREBS, Marloá Egges. ELESBÃO, Taiane Rodrigues. **A joia no percurso do tempo: através da arte e da cultura**. Curitiba: Appris, 2014.

BRAGA, João. **Reflexões sobre a moda**. 4. ed. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2008. v. 1.

CAVAGNA, Di Sergio. La Storia del Gioiello: Dagli Egizi Ai Giorni Nostri. **Rassegna**, Italia, v. 18, p. 78-81, 2005. Disponível em: http://www.dieffegioielli.it/files/storia_del_gioiello.pdf. Acesso em: 10 ago. 2018.

[COLAR filigrana]. [201-]. 1 Colar em fio de cobre e ágata de fogo.

ENTRANDO NA HISTÓRIA. **Coroa Imperial**. In: BLOG BruMel Pratas e Acessórios, 2011. (<http://brumelpratas.blogspot.com/2011/04/entrando-na-historia-as-joias-da-idade.html>)

WIKIPEDIA. **Máscara mortuária do Faraó Tutancâmon**. Wikipédia, 2023. (wikipedia.org/wiki/Tutanc%C3%A2mon)

FAVARO, Henny Aguiar Bizarro Rosa. **Design de joias e pesquisa acadêmica: limites e sobreposições**. 2013. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013. Disponível em <http://dspace.mackenzie.br/handle/10899/25819>. Acesso em: 10 ago. 2018.

GOLA, Eliana. **A joia: história e design**. São Paulo: Senac São Paulo, 2013.

REIS, Melissa. **Broches**. In: **Nammu**, 2018. (<https://nammu.com/por/joias-gregas/>)

PROENÇA, Graça. **História da arte**. São Paulo: Àtira, 2016.

RUPOLO, Iraní. Prefácio. In: BISOGNIN, Edir Lucia. LISBOA, Maria das Graças Portella. KREBS, Marloá Eggres. ELESBÃO, Taiane Rodrigues. **A joia no percurso do tempo: através da arte e da cultura**. Curitiba: Appris, 2014.

SELAMAJ, Joana. **Leopardo com pavê de diamantes e safiras**. In: Blog Glob Arts, 2014. (glob-arts.blogspot.com/2014/02/cartier-il-sogno-di-tutte-le-donne.html#more)

ZUGLIANI, Giovana Mara. **Arte & jóia: uma análise da joalheria contemporânea brasileira**. 2010. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Educação Artística) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/121823>. Acesso em: 13 set. 2018.

WAGNER, Renato. **Joia contemporânea Brasileira: brazilian contemporary jewelry**. São Paulo: Renato Wagner, 1980.